Dimensão estética da competência em informação no profissional de museu: sensibilidade e o agir humano

Aesthetic dimension of informations competence in museum professionals: sensitivity and human action

Cláudia Maria Alves Vilhena*
Ana Paula Meneses Alves**

Resumo: O compartilhamento da informação entre os profissionais que atuam em museus é o processo mais importante durante o exercício das funções museológicas. O trato informacional requer dos sujeitos organizacionais a sensibilidade e o agir humano. A dimensão estética da competência em informação está inserida no contexto da produção da informação e do conhecimento. Como uma das dimensões da Competência em informação, a dimensão estética destaca o potencial criativo de cada um. Nesse sentido, o artigo discute a dimensão estética da competência em informação ao fazer uso da criatividade, da sensibilidade, da criação e da imaginação na prática profissional dos profissionais de museus.A metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário semiestruturado enviado para os profissionais de museus nas doze mesorregiões do Estado de Minas Gerais. Entre os achados com a realização da pesquisa, verificou-se que a mediação da informação entre os profissionais de museus ocupa posição elementar para o desenvolvimento humano e profissional e, por conseguinte, para alavancar o processo museológico institucionalizado.

Palavras-chave: Competência em informação; dimensão estética da competência em informação; sensibilidade; potencial criativo; boas práticas interpessoais.

Abstract: The sharing of information between museum professionals is the most important process when carrying out museum functions. Handling information requires organizational subjects to be sensitive and act in a human way. The aesthetic dimension of information literacy is inserted in the context of the production of information and knowledge. As one of the dimensions of information literacy, the aesthetic dimension highlights the creative potential of each individual. In this sense, the article discusses the aesthetic dimension of information literacy when making use of creativity, sensitivity, creation and imagination in the professional practice of museum professionals. The methodology used was the application of a semi-structured questionnaire sent to museum professionals in the twelve mesoregions of the state of Minas Gerais. Among the findings of the research, it was found that the mediation of information among museum professionals occupies an elementary position for human and professional development and, consequently, for leveraging the institutionalized museological process.

Key-words: Information literacy; Aesthetic dimension of information literacy; sensitivity; creative potential; good interpersonal practices.

* Realiza estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Ciência da informação (PPGCI-UFMG). Bolsista de Pós-doutorado júnior (PDJ) com bolsa do CNPq. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Organização do Conhecimento da Escola de Ciência da Informação na UFMG. Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação na UFMG. Museóloga com inscrição no COREM 2 Região n 1092-I. Líder no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI-UFMG), na linha de pesquisa: Recursos e Serviços de Informação. Bacharel em Ciências Contábeis pela UNA. E-mail: claudia_mavilhena@hotmail.com.

** Doutora em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp (Campus Marília) em regime de cotutela com a Universidade de Granada - Espanha. Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos. Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp (Campus Marília). Atualmente é Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da UFMG, atuando nos cursos de Graduação de Biblioteconomia e Museologia e na Pós-graduação em Ciência da Informação (Nível - Mestrado e Doutorado). Líder no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI- UFMG). E-mail: apmeneses@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2025v18n1p43-65

1. Introdução

O crescente volume informacional traz consequências nem sempre positivas para a sociedade. A infodemia por vezes é permeada por *fakenews,* desinformação e informações manipuladas. Portanto, diante do cenário atual em que a sociedade se depara com tamanho volume de informações, qual é a reflexão acerca dos conteúdos informacionais que chegam pelos vários tipos de suportes de informação? Como filtrar as informações verídicas? De onde extraí-las para minimizar uma necessidade de informação?

Dentro dos museus não é diferente essas indagações, uma vez que para solucionar uma questão relacionada ao fazer museológico ou, com outras palavras, minimizar uma necessidade informacional, o comportamento informacional do profissional faz toda a diferença ao saber lidar com as práticas informacionais e museológicas durante o exercício de sua função (Vilhena, 2022).

Mediante este universo informacional, o compartilhamento da informação entre os profissionais que atuam em museus é a ação mais importante durante o exercício das funções museológicas. O trato informacional requer dos sujeitos organizacionaisasensibilidade e o agir humano para a melhor tomada de decisão. Por isso mesmo, o presente artigo discute a dimensão estética da competência em informaçãoao fazer uso da criatividade, da sensibilidade, da criação e da imaginação na prática profissional dos profissionais de museus.

Em relação a abordagem da competência em informação, as pesquisadoras Orelo e Vitorino (2012) explicitam que a competência em informação vem se destacando nos últimos anos, em razão de sua relevância para a sociedade. Segundo as autoras, “ser competente em informação significa desenvolver um conjunto de habilidades para o uso eficiente dos recursos informacionais, o aprendizado ao longo da vida e o pensamento crítico” (Orelo; Vitorino, 2012, p. 41).

De modo semelhante a Orelo e Vitorino (2012), Souza, Bahia e Vitorino (2020) afirmam que a competência em informação quando desenvolvida no ser humano, promove o conhecimento, a autonomia e a criatividade com espírito crítico inovador em prol da sociedade e junto ao contexto laboral.

Destaca-se que, apesar de a maioria dos autores considerar que a competência em informação é estudada para se desenvolver nas bibliotecas, com respaldo nos estudos prévios de Belluzzo (2020) e Gazzola *et al*., (2020), a competência em informação é uma temática que abrange diversas profissões e

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2025v18n1p43-65

setores econômicos, além de poder ser aplicada em todo e qualquer setor da sociedade.

Dessa maneira, a partir da visão de Gazzola et al. (2020) sobre a interdisciplinariedade da competência em informação, esta investigação aproxima as áreas da Ciência da informação com Museologia, a Arquivologia e a Biblioteconomia, como unidades de informação as quais, em consonância com as reflexões de Chagas (1996, p. 50) “são campos do conhecimento vocacionados para a interdiscplinaridade e estão muito longe de se constituirem como disciplinas puras”.

Ao discorrerem sobre a competência em informação, Souza e Alcará (2023) discutem que uma de suas características é a promoção do desenvolvimento das múltiplas habilidades informacionais que compõem seu caráter de metacompetência. Ainda de acordo com o pensamento das autoras, os indivíduos, não apenas no ambiente acadêmico, mas na vida cotidiana, precisam de habilidades relacionadas ao buscar, avaliar, usar e disseminar a informação (Souza; Alcará, 2023). Na prática, significa trabalhar com a criatividade.

Sendo assim, a dimensão estética se relaciona, com a construção do conhecimento através da sensibilidade, pela percepção de mundo e sua relação com a ética, porque contribui significativamente com o desenvolvimento humano (Orelo; Vitorino, 2012). Mediante essa reflexão, depreende-se que este estudo é adaptado aos profissionais de museus, uma vez que todos os sujeitos e colaboradores são pessoas com potencial criativo, sensibilidade, senso crítico e com habilidades cognitivas para aprender a aprender.

2. Dimensão estética da competência em informação

A dimensão estética da competência em informação faz parte das quatro dimensões estudadas por Vitorino e Piantola (2011;2019). As quatro dimensões da competência em informação são: técnica, estética, ética e política.

Contudo,

> [...] as outras dimensões, que não a estética, são: técnica, ética e política. Estas podem ser estudadas em separado, mas estão ligadas umas às outras, apesar de uma ou outra dimensão ser mais destacada e reconhecida no cotidiano da sociedade, o que não é recorrente com a estética (Duarte; Caldin, 2016, p.15).

Vale destacar também, como pontuam Orelo e Vitorino (2020), que para desenvolver a competência em informação de forma plena, as quatro dimensões

precisam ser desenvolvidas simultaneamente e em equilíbrio, uma vez que são indissociáveis, complementares e, portanto, fortalecem a competência em informação. Do ponto de vista conceitual, pode depreender que a competência em informação discutida por Vitorino (2020), propicia ao sujeito "a internalização de habilidades, conhecimentos e atitudes, elementos necessários para lidar/interagir com a informação, diante do surgimento de situações e desafios ao longo da vida" (Oliveira; Vitorino, 2020, p.98). Mas, ainda, é preciso lembrar que "[...] os processos informacionais básicos ainda são incipientes, pois nem todos os dirigentes compartilham informação como seus colaboradores, [...]" (Woida, 2019, p.56).

A dimensão estética na competência em informação concerne à experiência interior, aos sentimentos individual e único do sujeito ao lidar com os recursos informacionais e seu modo de expressar e trabalhar com a informação em âmbito coletivo (Vitorino; Piantola, 2011). De acordo com o pensamento de Souza, Bahia e Vitorino (2020, p.65), "a dimensão estética como componente da competência relaciona-se à transformação dos saberes que serão compartilhados para o bem coletivo e reconstrução social".

Como elucidam Duarte e Caldin (2016), pessoas podem ser sensíveis e se envolverem com o problema do outro, e é nesse movimento de interação que elas são envolvidas pela estética. De acordo com a reflexão das autoras, cidadãos que agem técnica, ética e politicamente para construir o bem comum são os responsáveis por promover a criatividade, cidadania e autonomia, e, consequentemente, passam pela dimensão estética do seu saber e fazer profissional (Duarte; Caldin, 2016).

Em Farias e Vitorino a criatividade e a sensibilidade não estão restritas ao mundo da arte. "A estética é, na verdade, uma dimensão da existência humana, do agir humano" (Farias; Vitorino, 2009, p. 7). A partir da visão de Spudeit *et al.* (2017), a dimensão estética se relaciona com a filosofia da competência em informação, por meio da arte, esta dimensão ordena as percepções pessoais, porque acredita que é por meio da sensibilidade e da criatividade demandadas da arte que o homem procura atingir harmonia para o bem viver.

A discussão empreendida por Vitorino e Piantola (2011) indica que a competência em informação, além de outras habilidades, ela se relava nas pessoas com elementos importantes, quais sejam: sensibilidade, criatividade e curiosidade. Visto dessa maneira, a pesquisa de Mata, Grigoleto e Lousada (2020), se aproximam em suas reflexões ao explicar que a sensibilidade, a criatividade e curiosidade

estimulam o pensamento crítico dos sujeitos para diferenciarem as informações científicas, do senso comum, bem como as informações falsas e/ou distorcidas.

Nessa mesma direção, Vitorino (2021) descreve sobre a dimensão estética como subjetividade e características pessoais, emoção, paixão, profissão, gestão de recursos financeiros, imaginação, criação, invenção, gestão administrativa, solução de problemas, motivação no trabalho e relacionamento interpessoal. Em apoio a esse estudo, Brito e Vitorino (2022, s/p) esclarecem que a dimensão estética se relaciona com a presença da sensibilidade orientada a uma perspectiva da criação, da transformação, da mudança e da inovação.

Por isso que, em leitura a Visser (2013) e Longo (2014), percebe-se que o profissional de informação precisa conhecer não só o setor em que trabalha, mas toda a organização. Ser proativo, apaixonado, curioso, sensível, carismático, aberto a ajudar e ser ajudado. Seguindo essa direção, Silvaggi *et al*., (2020) intensificam o debate ao evidenciar o museu e sua equipe de trabalhadores com o uso das tecnologias digitais.

No entendimento de Silvaggi *et al*., (2020), a tecnologia tem um potencial enorme em qualquer organização, incluindo os museus, no entanto deve medir e calibrar a sua utilização no que diz respeito à missão do museu. Nesse sentido, a tecnologia é também uma ferramenta de participação social. Para as autoras, o valor de um museu não é mais considerado apenas pelas coleções que preserva, mas como o valor dos relacionamentos que podem se estabelecer na sociedade, com outras instituições e com outras partes interessadas. No momento, não se sabe o que efetivamente acontecerá com os museus no futuro. No entanto, apesar das várias crises na atualidade, os museus continuam de pé como importante fortaleza ou baluarte de uma sociedade que está constantemente em movimento. Dentro deste cenário, o principal investimento a ser alcançado ainda é aquele voltado para o capital humano. A dimensão digital é uma dimensão transversal. Embora cada pessoa dentro do museu tenha sua função própria e função de conhecimento específico, toda a equipe do museu deve ser treinada nas habilidades digitais associadas à comunicação e à gestão das coleções, a fim de compreender o seu valor. Os profissionais da informação em museu vão contribuir para o futuro de seus museus se forem totalmente engajados em processos organizacionais inovadores, trabalhar em equipes multidisciplinares, melhorar as colaborações internas dentro dos departamentos do museu e manter parcerias externas com comunidades diferentes. Todas as áreas de atividades do museu devem ser influenciadas por tecnologia digital e devem ser

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2025v18n1p43-65

guiadas por um conhecimento e uma consciência das oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em toda a organização. Contudo, as autoras advertem que o treinamento digital deve tentar encontrar um equilíbrio entre as habilidades técnicas digitais e as habilidades interpessoais (Silvaggi *et al*., 2020).

Mas, para tanto, torna-se imprescindível que os museus abram espaços para a construção conjunta e coletiva do conhecimento organizacional, porque, segundo Schep e Knitz (2017), aprender uns com os outros é importante, e a troca de informações não pode acontecer somente no bebedouro ou no bar, mas, sim, de forma organizada, na qual os profissionais interagem e trocam experiências. Para os autores, é crucial que esse momento de encontro da equipe ocorra em uma atmosfera de segurança em que os profissionais possam falar abertamente em um ambiente em que todos se sintam iguais (Schep; Knitz, 2017). Segundo Belbin (1998), as equipes precisam de espaço.

Todavia, tais procedimentos requerem dos sujeitos sensibilidade e empatia, ou seja, a dimensão estética da competência em informação.Dentro do escopo da dimensão estética, Orelo e Vitorino (2012) interpretam que:

> A Dimensão Estética relaciona-se, deste modo, com a construção do conhecimento pela sensibilidade, pelas percepções de mundo e sua relação com a ética, pois contribui de forma significativa para o desenvolvimento dos indivíduos, preparando-os para exercer a cidadania com responsabilidade e criticidade. Também contribui para o desenvolvimento social e para a consolidação da democracia. [...]. Proporcionar aos indivíduos a oportunidade de tornarem-se competentes em informação é essencial na atual sociedade e, ao desenvolver a Dimensão Estética da Competência em informação, instiga-se no indivíduo o desejo pelo aprendizado contínuo, priorizando, nesse conjunto, os elementos essencialmente humanos, como a sensibilidade, a cognição, a criatividade, a imaginação, o pensamento crítico, a autorreflexão. Portanto, entende-se que desenvolver a Dimensão Estética da Competência proporciona aos indivíduos uma relação de solidariedade em que a criatividade e a sensibilidade podem se transformar em ação e responsabilidade social (Orelo; Vitorino, 2012, p. 52-53).

Em outras palavras, sensibilidade, intuição, criatividade e solidariedade. A dimensão estética na competência em informação está relacionada aos aspectos de criação, compreensão do outro, harmonia e interação, conforme descrevem (Orelo; Vitorino, 2012). Também, em se tratando do assunto, Brisola e Romeiro (2018) asseveram que é nesta dimensão “[...] que se dá o gosto por esta ou aquela informação, aproximando a pessoa da informação que lhe é útil, mas também conferindo uma vulnerabilidade para a informação distorcida, manipulada ou até falsa, [...]” (Brisola; Romeiro, 2018, p. 79).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2025v18n1p43-65

No entendimento de Vitorino e Piantola (2019), o conhecimento será construído a partir do momento em que a informação tiver valor e entendimento no contexto do repertório das vivências e dos conhecimentos que trazemos dentro de nós, permitindo uma nova interpretação da sociedade. Por isso, as autoras declaram que saber ou saber-fazer não é o bastante, mas sim, é necessário também sentir e ter emoção, entusiasmar-se, somente assim o progresso social e o desenvolvimento científico ou cultural serão explicados, se forem levados em consideração as pessoas inovadoras e o clima propício ao ambiente.

Destarte Rios (2010, p. 97) conclama que “a sensibilidade e a criatividade não se restringem ao espaço da arte”. De acordo com a autora, a criação está ligada ao viver, no mundo humano e a estética, na verdade, é uma dimensão existencial do agir humano.

Vale lembrar que a sensibilidade, a imaginação e a criatividade são elementos essencialmente humanos, os quais “acontecem e se desenvolvem no íntimo de cada indivíduo e envolvem as experiências particulares e individuais do ser” (Orelo; Vitorino, 2020). Afinal, é “a interação entre pessoas, clima propício e reconhecimento social das contribuições que constitui o melhor estímulo ao desenvolvimento humano” (Vitorino; Piantola, 2019, p. 117).

Por isso mesmo que a dimensão estética da competência em informação para Orelo e Vitorino:

> Diz respeito ao equilíbrio necessário entre o domínio da habilidade para o uso dos recursos informacionais, a ética no uso das informações, o entendimento político e social da informação e a sensibilidade, a criatividade e a solidariedade no uso das informações e na geração de novos saberes (Orelo; Vitorino, 2020, p.128-129).

E, para além disso, pode-se inferir que a dimensão estética também se volta para o compartilhamento da informação, bem como para a troca de experiências entre os membros de uma organização visando ao bem comum e à melhor tomada de decisão. Uma linha de pensamento semelhante é a defendida por Choo (2003), para o autor a informação requerida é dependente de normas e expectativas do grupo ou comunidade o qual o indivíduo pertence e de todos os problemas que eles costumam enfrentar. Nessa mesma perspectiva, Dib e Silva (2009) reforçam que é fundamental que as competências de cada profissional estejam alinhadas à responsabilidade e ao comprometimento mútuo da equipe e dos resultados esperados pela organização, em que as pessoas por meio do esforço mútuo se envolvem em um processo de

aprendizagem coletiva. Sendo assim, "[...] estimula-se o pensamento crítico dos indivíduos para distinguir as informações de cunho científico, do senso comum e as informações falsas e/ou distorcidas" (Mata; Grigoleto; Lousada, 2020, p.11). A sensibilidade presente nessa dimensão tem a função de elevar os aspectos humanos, a empatia, o preocupar-se com o outro e, como resultado, promover o exercício da cidadania e da solidariedade (Orelo; Vitorino, 2020).

Complementando as discussões acima, em Marty (2006a), a dificuldade em enfrentar novos desafios não está na implementação de tecnologias, mas na promoção de um ambiente em que o desenvolvimento de novas habilidades seja incentivado e desenvolvido por todos. Em trabalho semelhante, Garcia (2012), ao descrever sobre a aprendizagem em museus, constata que ela é única, multifacetada e inspira desenvolvimento afetivo e cognitivo. Nunca houve uma necessidade mais urgente de os museus articularem seu potencial como ambientes de aprendizagens, os quais podem apoiar o bem-estar e a capacitação intelectual dos indivíduos e comunidades. Conforme o autor destaca, os museus precisam defender os valores centrais da aprendizagem em seus espaços.

Isso significa comunicação. Nas palavras de Zarifian (2008), a comunicação refere-se a uma questão central na organização, a qual está diretamente ligada ao cotidiano das atividades exercidas no trabalho. Seguindo essa direção nos museus, Gomes e Gazelli (2016) defendem que a mediação em museus envolve vários níveis de diálogo. Portanto, a conscientização do diálogo e a troca de informação necessitam, primeiramente, ocorrer entre os membros da equipe.

Nesse caso, o ...

> Processo de conscientização, o profissional mediador da informação compreenderá a importância do trabalho colaborativo e compartilhado com e no meio, também interferindo conscientemente na realidade informacional, assumindo a conduta em favor do processo humanizador de si e do mundo (Gomes, 2020, p. 200-201).

Por isso mesmo, no ano de 2018, como resultado extraído do *Conseil International des Musées*, o *ICOM France*[1], que promoveu um debate intitulado *Qu'est-ce qu'être, aujourd'hui, un professionnel de musée en Europe?* De acordo com o relatório publicado,as discussões se deram para além das questões científicas e técnicas, mas, também, para as questões políticas. Assim, como conclusão do encontro, os teóricos perceberam que as habilidades científicas e técnicas dos

[1] ICOM FRANCE é o comitê nacional do ICOM na França.

profissionais são necessárias, mas devem ser acompanhadas de habilidades éticas e deontológicas e pela capacidade de promover uma visão democrática da sociedade, que pode ensinar a si mesmo por meio de um programa holístico que visa a aprender como pensar no que você está fazendo e como fazer (Hottin, 2018).

Tais reflexões corroboram com os estudos de Filipe (2018, p. 17) ao explicitar que "o trabalho de museu convoca princípios deontológicos[2], em que é fundamental a inter-relação entre ética, conhecimento teórico e competências práticas". Por essa razão, Jensen (2019) encontra um crescente foco na performatividade e na definição de habilidades pessoais dos profissionais, enquanto credenciais padronizadas tornam-se menos importantes. Segundo a autora, habilidades necessárias são a crescente proporção de palavras relacionadas às habilidades comportamentais e performativas.

3. Métodos e procedimentos

Trata-se de uma pesquisa social e exploratório-descritiva. Os sujeitos participantes foram trabalhadores de museus nas esferas públicas e privadas no Estado de Minas Gerais. Para a realização da pesquisa, as instituições museológicas, bem como os respondentes participantes desta pesquisa foram extraídos da plataforma Rede Nacional de Identificação de Museus (Museusbr), do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Museusbr é a fonte mais atualizada para conhecer os museus brasileiros, sendo criado pela Portaria nº 6, de 9 de janeiro de 2017, revogada pela Portaria IBRAM nº 215, de 4 de março de 2021.

Foram selecionadas todas os tipos de museus apresentados na plataforma MUSEUSbr (IBRAM, 2017). Quanto às temáticas, esta pesquisa selecionou na plataforma MUSEUSbr as três temáticas com o maior número de instituições museológicas no Estado, quais sejam: (i) Museus de Arte, Arquitetura e Linguística = 19; (ii) Museus de Ciências Exatas, da terra, biológicas e da saúde = 24; e (iii) Museus de História = 103 instituições, totalizando 146 museus participantes da pesquisa, por meio de seus respectivos profissionais.

Com perguntas fechadas e de múltipla escolha, utilizou-se para a formulação das questões uma escala *likert*. Essa escala é usada em uma pergunta fechada, quando os respondentes têm opções de respostas pré-definidas. Destaca-se que para este artigo optou por evidenciar as questões do questionário, as quais se referiram à

[2] Conjunto de princípios e regras de conduta ou deveresde uma determinada profissão (Filipe, 2018).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2025v18n1p43-65

dimensão estética da competência em informação, propriamente dito, ou seja, as questões 6ª, 7ª, 8ª e 9ª.

Assim sendo, com o intuito de elucidar e apoiar nas análises dos dados da pesquisa, produziu-se uma categoria de dimensão estética e as subcategorias de análises, quais sejam: criatividade, sensibilidade, percepção de mundo e pensamento crítico, de modo a clarificar os dados obtidos com a investigação. Esta categoria consistiu em avaliar o uso da informação pelo profissional, mediante sua experiência interior, individual e única ao lidar com os recursos informacionais disponíveis na instituição. Pois, "identificar uma dimensão estética na competência em informação significa, então, afirmar a subjetividade implícita na recepção e na transmissão dos conteúdos informacionais - (criatividade e sensibilidade)" (Vitorino; Piantola, 2011, p. 104).

Há de se apresentar por oportuno, o instrumento de pesquisa, para a realização da investigação, foi aplicado um questionário de forma *on-line*, enviado por mala direta para os profissionais da informação em museu, conforme já explicitado neste estudo. Salienta-se que o questionário ficou disponível para preenchimento no período de novembro de 2020 a julho de 2021.

As quatro questões fechadas e relativas à dimensão estética da competência em informação no questionário *on-line* enviado para os profissionais da informação em museus, estão discriminadas abaixo:

CATEGORIA DE DIMENSÃO ESTÉTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

SUBCATEGORIAS: criatividade; sensibilidade, percepção do mundo e pensamento crítico

6ª questão. Na prática diária de seu trabalho, você acredita ter habilidades necessárias para "buscar a informação" que deseja a fim de solucionar um problema?

( ) Nunca ( ) Raramente ( ) Às vezes ( ) Muitas vezes ( ) Sempre

7ª questão. Qual é a maior dificuldade para localizar a informação necessária em sua prática diária do trabalho?

( ) Falta de conhecimento para saber buscar e avaliar a informação necessária
( ) Não saber lidar com os recursos tecnológicos do museu

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2025v18n1p43-65

( ) O museu não tem recursos informacionais e tecnológicos disponíveis para o desenvolvimento das ações museológicas institucionalizadas.
( ) Outros

8ª questão. Na prática diária do trabalho, ao buscar por determinada informação na internet, como você identifica se as informações encontradas são verdadeiras ou falsas:

( ) Busco as informações em *sites* confiáveis do assunto em questão
( ) Busco por informações em periódicos nacionais e internacionais relativos ao assunto em questão
( ) Apenas verifico se as informações estão relacionadas com a minha pesquisa
( ) Pela facilidade de acesso às informações
( ) Por indicação de terceiros
( ) Outro

9ª questão. Assinale abaixo com qual característica você se reconhece na instituição em que você trabalha?

( ) Valorizado ( ) Motivado ( ) Pouco valorizado ( ) Desmotivado ( ) indiferente
( ) Outro

4. Análise e discussão dos resultados de pesquisa

Os respondentes da pesquisa foram os profissionais da informação em museu que atuam nas instituições museais no Estado de Minas Gerais. Salienta-se que a seleção das temáticas de museus selecionadas para a pesquisa já foi devidamente explicitada na seção Metodologia. A pesquisa conseguiu abranger as doze mesorregiões que dividem o Estado de Minas Gerais. É oportuno frisar que a pesquisa buscou investigar todos os trabalhadores de museus com o intuito de abranger diferentes áreas de atuação, uma vez que este estudo entende por profissional da informação em museu toda a equipe de funcionários que atuam em uma instituição museal e/ou nos novos processos museais.

Assim, destaca-se que os sujeitos da pesquisa foram entre outros: monitores, diretores, coordenadores, bibliotecários, curadores, supervisores, museólogos, educadores, analistas em educação, mediadores, atendentes, superintendentes, consultores de planejamento, conservador-restaurador, gestores de acervo, setor de

pesquisa, produção cultural, recepção de público, estagiários, suporte técnico, analista de documentação, historiador, guia turístico, auxiliar administrativo, pesquisador, gerentes, voluntários, gestores, turismóloga, curador da coleção de mamíferos, professores pesquisadores, assessor de comunicação, recepcionista, secretária/telefonista, produtor cultural, técnico em laboratório, documentalista, monitor ambiental, sócia-fundadora, técnica em patrimônio cultural, técnico em assuntos educacionais, arte educação, secretários municipais de cultura, analistas, faxineiros, setor de cultura, auxiliar de serviços gerais, guia, auxiliar de escritório, serviço geral, chefe de departamento, consultor cultural, arquiteta, analista de mediação museológica, biólogo, responsável técnico, coordenador administrativo financeiro, assistente pedagógico, analista de projetos, produtora executiva, encarregado de marcenaria, analista ambiental, analista de atendimento, direção e assessoramento municipal, assistentes, guarda vidas, atendentes, vigilantes, chefe do setor de cultura e turismo, auxiliar de agente de cultura e lazer, responsável pelo setor de difusão cultural e educação, acervo e vice-presidente.

4.1 - Análises e discussões dos resultados pela ótica da categoria da dimensão estética da competência em informação

As subcategorias da dimensão estética compreendem a criatividade, sensibilidade, percepção de mundo e pensamento crítico. Em vista disso, nos estudos de Orelo e Vitorino (2020), a dimensão estética da competência em informação é analisada à luz da filosofia. Nessa perspectiva, Incontri e Bigheto tomam as reflexões da filosofia de Rousseau como balizadoras das abordagens teóricas sobre educação, ao afirmarem que “o ser humano conhece com razão e sentimento, intelecto e sensibilidade” (2008, p. 107).

Esse tipo de abordagem educacional é encontrado também no método da aprendizagem de Pestallozzi. De acordo com Pestallozzi, são necessárias duas facetas: a percepção externa e a percepção interna (Incontri; Bigheto, 2008). A primeira seria a ideia da aprendizagem sensorial: tocar, ver, degustar, ouvir, apurar os sentidos, para a percepção da realidade externa” (Incontri; Bigheto, 2008, p. 107).

Ressalta-se que essa abordagem é bastante utilizada junto ao público visitante do museu. Como exemplo da percepção externa, pode-se citar o monitor vedando os olhos do visitante e pedindo que ele toque nos objetos em exposição, de forma a descobrir outras maneiras de perceber os objetos, além da visão. Na percepção

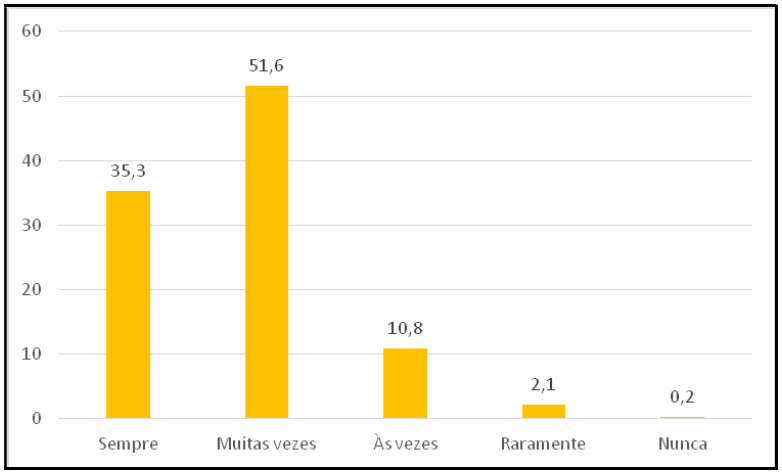
interna, o indivíduo aprende a olhar para dentro de si mesmo e a perceber seus sentimentos e motivações (Incontri; Bigheto, 2008).

De fato, a dimensão estética da competência em informação:

> Diz respeito ao equilíbrio necessário entre o domínio de habilidades para o uso dos recursos de informação, ética no uso das informações, o entendimento político e social da informação, e a sensibilidade, a criatividade e a solidariedade no uso das informações e na geração de novos saberes (Orelo; Vitorino, 2020, p. 128-129).

Isto posto, aos respondentes quando interrogados, na 6ª questão “Na prática diária de seu trabalho, você acredita possuir habilidades necessárias para “buscar a informação” que deseja, a fim de solucionar um problema”?, entre as respostas: 51,6% disseram “Muitas vezes”, incluindo museóloga, assistente judiciário, assistente administrativo, coordenador, gestor, organizador e produtor cultural; 35,3% afirmaram “Sempre”, incluindogestor, curador, administrador, secretário municipal de cultura e arquiteta; 10,8% relataram “Às vezes”, incluindo responsável técnico, voluntário pesquisador, estagiário e agente administrativo;2,1% responderam “Raramente”, incluindo analista de documentação, curador; e o restante 0,2% afirmaram “Nunca”, entre os participantes: secretária de cultura, conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Percentuais de respostas encontradas na 6ª questão



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

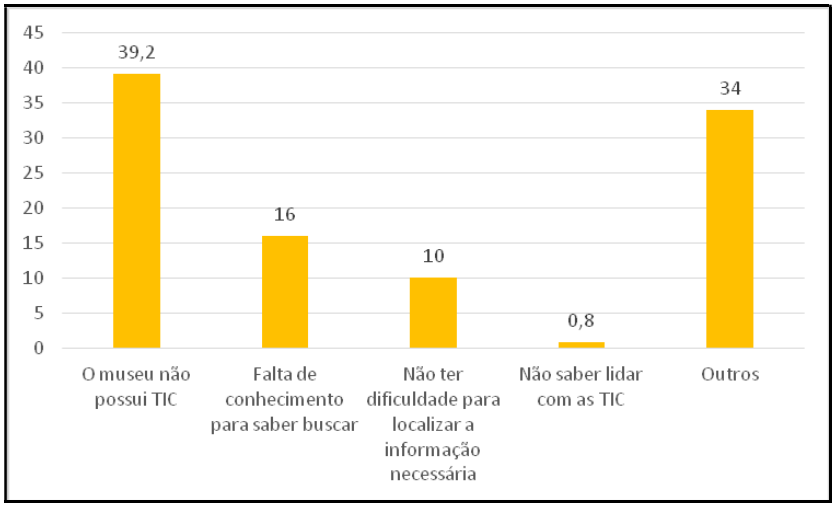
Tais percentuais encontrados na pesquisa mostram o profissional competente em informação, uma vez que, Vitorino e Piantola (2019, p. 85) afirmam que o profissional competente em informação “procura atualizar os conhecimentos adquiridos; disponibiliza informações a quem necessita; torna-se experiente; tem habilidade para exercer a profissão e gosta da função que exerce.” Já Choo (2003) defende que a busca da informação é o processo em que o indivíduo busca

intencionalmente por informações que possam mudar seu estado de conhecimento. Portanto, vale ressaltar o indivíduo como agente de mudança proposto por Dib e Silva (2009). As autoras pontuam que é fundamental que as competências de cada indivíduo estejam diretamente ligadas à responsabilidade e ao comprometimento mútuo com a qualidade dos relacionamentos e dos resultados esperados, assim como apostar nos relacionamentos interpessoais com outros membros da equipe de trabalhadores (Garcia, 2012). Este autor defende o “Poder da aprendizagem” dos museus, que inspira o desenvolvimento afetivo e cognitivo de ordem superior.

Em relação à 7ª questão, “Qual é a maior dificuldade para localizar a informação necessária em sua prática diária do trabalho”, entre os participantes, 39,2% responderam que o museu não tem recursos informacionais e tecnológicos disponíveis: analista judiciária, conservador-restaurador, coordenadores, gestor de acervo, organizador, curador, mediador e historiador, enquanto 16,0% dos participantes declararam “falta de conhecimento para saber buscar a informação desejada”: estagiário, guia turista, assistente de administração, coordenador, gerente e monitor. Já 10,0% dos respondentes disseram “Não ter dificuldade para localizar a informação necessária”: diretor, coordenador de comunicação, bibliotecária, assistente de atendimento e monitor. Os 0,8% afirmaram “Não saber lidar com os recursos tecnológicos disponíveis na instituição”, entre os participantes: recepcionista, analista de educação e coordenador de museologia. Já o percentual de 34,0% (Outros) dos participantes ficou entre: museóloga, diretores, coordenadores, técnico nível superior de saúde, bibliotecários, estagiária, bolsista, historiador, conservadora/restauradora, gestor e administrativo, conforme demonstrado no Gráfico 2.

Dados importantes, extraídos dessa questão, foram as respostas que objetivaram a falta de comunicação interna entre os profissionais, como por exemplo:“Má vontade na colaboração de alguns profissionais”; “Como os trabalhos desenvolvidos no museu envolvem muito saberes e práticas, a dificuldade consiste, em alguns momentos, em identificar qual o profissional mais indicado para lidar com determinados problemas da área”; “Adequar a teoria à prática”; “A dificuldade é na comunicação interna que não enviou a informação com clareza para ser passada aos visitantes ou ao público dos eventos;“Comunicação entre setores”; e, por último, “individualidade dos colegas de trabalho”. Mediante tais relatos, infere-se a falta de mediação da informação entre as equipes de algumas instituições participantes da pesquisa.

Gráfico 2 – Representativo dos Percentuais encontrados na 7ª questão



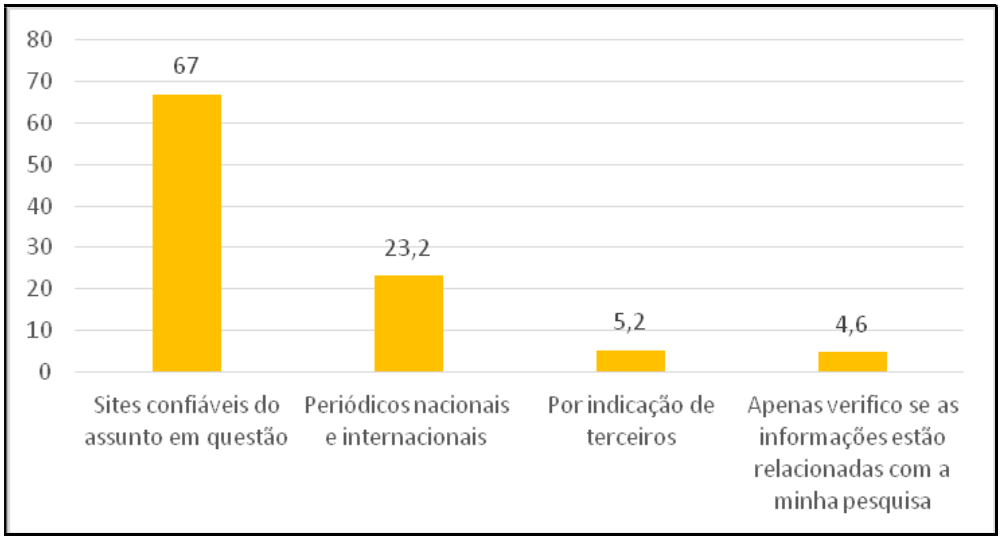
Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A comunicação interna é de suma importância para o desenvolvimento das ações museológicas. Comunicar é entender os problemas e as obrigações dos outros membros da equipe, entender a interdependência e compartilhar normas mínimas de justiça que permitam o acesso igualitário à informação (Zarifian, 2008).

Vale lembrar que a mediação da informação nos museus envolve vários níveis de diálogos (Gomes; Gazelli, 2016). Assim, a conscientização do diálogo e a troca de informações devem acontecer primeiramente entre os membros da equipe do museu (Visser, 2013; Gomes; Gazelli, 2016; Gomes, 2020). O profissional da informação no museu compreenderá a importância do trabalho colaborativo e compartilhado com e no meio, uma vez que a mediação da informação está presente independentemente da vontade do profissional, sendo a mediação fundamental nas práticas do profissional da informação (Gomes, 2020).

No que se refere à 8ª questão, “Na prática diária do trabalho, ao buscar por determinada informação na internet, como você identifica se as informações encontradas são verdadeiras ou falsas”. Entre as respostas, detectou-se que 67% dos respondentes afirmaram que “Busco as informações em *sites* confiáveis do assunto em questão; 23,2% que disseram “Busco por informações em periódicos nacionais e internacionais relativos ao assunto em questão”; 5,2% declararam “Por indicação de terceiros”; e 4,6% afirmaram “Apenas verifico se as informações estão relacionadas com a minha pesquisa”, conforme observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Representativo dos percentuais encontrados na 8ª questão



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

As respostas acima evidenciam a preocupação de mais da metade dos participantes em buscar por informações em *sites* confiáveis na internet, mediante o problema das *Fake News*, a informação distorcida, manipulada e a desinformação (Brisola; Romeiro, 2018). É nesse sentido que a dimensão estética da competência em informação se lança, ou seja, esta dimensão se refere à experiência subjetiva individual de cada sujeito para lidar com a informação. Refere-se à parte sensível, à percepção, à criatividade e à criticidade do cidadão frente à informação (Farias &, Vitorino, 2009; Brisola & Romeiro, 2018; Vitorino & Piantola, 2019; Orelo & Vitorino, 2020).

Não por acaso, Vale e Vitorino explicitam que:

> As pessoas competentes em informação são capazes de identificar as necessidades de informação, de localizar fontes que atendem essas necessidades, de usar as informações disponíveis para desenvolver novos conhecimentos e solucionar problemas e de compartilhar as informações obtidas e os conhecimentos construídos. (Vale; Vitorino, 2019, p. 51)

Intensificando o debate, Belluzzo (2020b) adverte também sobre a importância do profissional competente na era digital. Segundo a autora, o profissional constrói uma linguagem de busca explícita e direcionada, identifica fontes prováveis, filtra e avalia a qualidade das informações, sabe como acessar diferentes sistemas (endereços de internet, por exemplo), interage com as Tecnologias de informação e comunicação (TICs) e as mídias, tem habilidades de especificação para o refinamento

de buscas, apresenta condições de efetuar leituras não lineares e hipertextuais, por último, conhece diferentes formas de apresentação e comunicação de seus resultados.

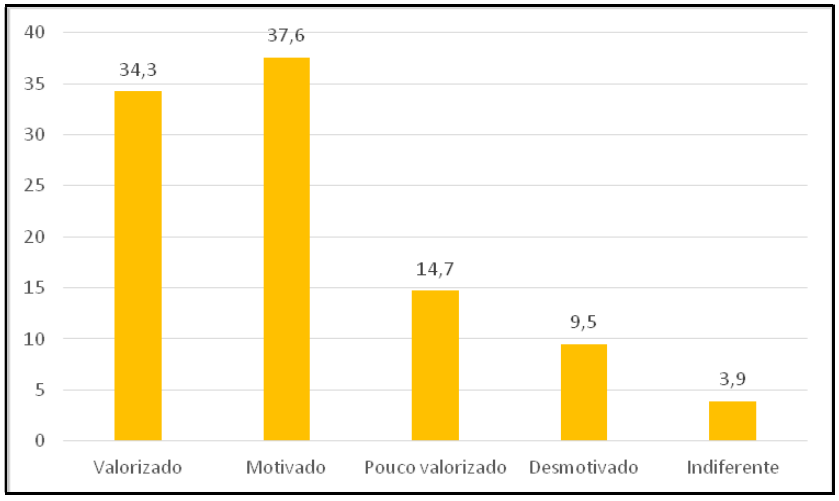
Entretanto, e em consonância com o pensamento de Woida (2019, p. 56), a pesquisa observou que os processos informacionais básicos ainda são incipientes, na maioria das instituições pesquisadas, por meio dos participantes.

De acordo com a autora,

> Sobre a busca, o acesso, o compartilhamento, a identificação de necessidades, verificou-se um contexto bastante improvável para realizar a gestão da informação, a gestão do conhecimento e a inteligência organizacional, uma vez que os processos informacionais básicos ainda são incipientes, pois nem todos os dirigentes compartilham informação com os colaboradores, diminuindo a disponibilização de informação aos funcionários. (Woida, 2019, p.56)

Quando perguntado aos participantes na 9ª questão, “Com qual característica você se reconhece na instituição em que você trabalha”, as respostas revelaram como o profissional da informação em museu se vê e se sente em seu local de trabalho. Entre os dados coletados, verificou-se que 37,6% responderam “Motivado”: museólogo, diretor, coordenador, educador, superintendente e estagiário; 34,3% disseram “Valorizado”, entre eles, técnico de gestão e acervo, bibliotecário, bolsista; 14,7% assinalaram “Pouco valorizado”; 9,5% “Desmotivado”; e 3,9% “Indiferente”, conforme Gráfico 4.

Gráfico 4 – Representativo dos percentuais encontrados na 9ª questão



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Não se pode esquecer que a sensibilidade, criatividade, a experiência interior, a harmonia e a beleza não são elementos apenas ao ambiente das artes (Vitorino,

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2025v18n1p43-65

2020). Conforme a autora declara, “a experiência estética está presente em todos os aspectos da vida humana, constituindo-se como fator fundamental na construção da subjetividade e determinante do próprio caráter do homem” (Vitorino, 2020, p. 57). Assim sendo, existe a necessidade de levar em conta de que as organizações trabalham com pessoas. A equipe de trabalhadores é formada por vários sujeitos, cada um com sua experiência individual, motivação, sensibilidade e criatividade.

Observou-se que os participantes que assinalaram “Pouco Valorizado” são principalmente oriundos de instituições públicas, que, como já relatado neste documento, formam a maioria dos respondentes. Essas respostas são importantes tendo em vista que

> Aos profissionais de museu cabe um importante papel na definição de políticas públicas em que tenha lugar a dita valorização, no contexto da criação de postos de trabalho e de outras inequívocas medidas para a atualização de carreiras e a construção de novos perfis adequados às mudanças no sector, nomeadamente os que emergem de uma visão de futuro para a sociedade, abrangendo o património e os museus (Filipe, 2018, p. 20).

Por esta razão, a aprendizagem organizacional na atualidade é considerada uma realidade da organização contemporânea, de modo a promover, entre outros aspectos, a valorização, motivação e a interação social entre os membros da equipe. Com isso, desenvolver a memória organizacional, é capaz de reunir e criar por meio de seus colaboradores novos conhecimentos que farão parte da tomada de decisão do museu. O que traz à tona a descoberta de novos talentos advindos de todos os profissionais, que se sentiram valorizados e com o sentimento de pertencimento na instituição,o estímulo intelectual e o apoio individualizado aos sujeitos organizacionais.

Tais reflexões se relacionam com o potencial criador, a afetividade e o agir humano, já apontadas por Farias e Vitorino (2009). Empatia, engrandecimento dos aspectos humanos, exercício de cidadania e solidariedade no uso das informações (Orelo; Vitorino, 2020). Em outras palavras, trata-se da mediação da informação entre os profissionais da informação em museu, para tal, a informação precisa ser apropriada, discutida e compartilhada internamente entre a equipe, promovendo a sinergia das atividades museológicas e das relações interpessoais, evidenciando, desse modo, que a mediação ocupa posição elementar para o desenvolvimento humano (Gomes, 2020).

Enfim, saber agir e reagir (comportamento ético e responsável). Tal dimensão se insere nas necessidades informacionais dos usuários (profissional da informação

em museu), na subjetividade e características profissionais, emoção, paixão, gestão dos recursos financeiros, imaginação, criação, gestão administrativa, TICs, solução de problemas, motivação no trabalho e relação interpessoal (Rios, 2008; Farias &; Vitorino, 2009; Vitorino & Piantola, 2011, 2019; Garcia, 2012; Visser, 2013; Longo, 2014; ICOM-France, 2018; Brisola &; Romeiro, 2018; Jesen, 2019; Orelo & Vitorino, 2012, 2020; Souza & Bahia & Vitorino, 2020; Vitorino, 2021).

5. Considerações finais

A temática central deste texto levou a uma discussão em torno da dimensão estética da competência em informação ao fazer uso da criatividade, da sensibilidade, da criação e da imaginação na prática profissional dos funcionários de museus.Os inúmeros trabalhos citados no Estado da arte permitiram compreender que a dimensão estética está inserida na sensível, no belo, na criação, inovação, conduta ética e participativa, bem como na autonomia e no agir humano.

Por fim, é possível, como fruto desta análise, concluir que a arte da beleza está na sinergia das relações interpessoais positivas e colaborativas em que os profissionais de museus são ou se tornam multiplicadores responsáveis, não somente pelo seu trabalho, mas sim pelo todo, pela organização museu.

Frente a essas proposições, elucida-se que, faz-se necessário praticar a resiliência e o sentimento de pertencimento dentro do próprio museu. Tornar este espaço de trabalho livre de preconceitos, amarras, departamentalizações e exclusões de alguns colegas é ir na contramão do que a dimensão estética preconiza.

Em outros termos, profissional de museu, ou melhor dizendo profissional da informação em museu,se revela comoum agente social, que trabalha em uma instituição aberta e receptiva aos mais diferentes tipos de públicos. O museu é o local da diversidade cultural, da inclusão, da acessibilidade, do respeito mútuo, coesão, discussão, aprendizagem, além de produtor e consumidor de conhecimento. Todavia, para que tais processos aconteçam de fato no museu, é necessário arrumar a casa desde dentro, ou seja: trabalhar e desenvolver a comunicação interna entre os profissionais. Pois, parafraseando (Belbin,1998 *apud* Fonseca, 2008), uma equipe não é um bando de pessoas com cargos, mas um grupo de sujeitos em que cada indivíduo possui um papel que é entendido pelos demais membros integrantes.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Referências

BELBIN, R. M. *The Coming Shape of Organisation***.** Londres: Butterworth-Heinemann, 1998.

BELLUZZO, R. C. B. (2020). Competência em informação: enlaces e desenlaces. *Webinar.* Universidade Federal do Ceará. Apresentação em 27 maio 2020.

BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação, educação e compartilhamento de fakenews durante a Pandemia. 2020b. *Webinar*. REC. Apresentação em: 31 ago. 2020.

BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação***,** v. 14, n. 3, set./dez., 2018. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054/1054. Acesso em: 28 abr. 2020.

BRITO, T. R. de B.; VITORINO, E. V. As dimensões da competência em informação: privilegiando direitos e minimizando a vulnerabilidade social. *Informação &Sociedade*, João Pessoa, v.32, p. 1-29, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/50255/38361. Acesso em: 07 fev. 2025.

Chagas, M. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CHOO, C. W. *A organização do conhecimento*: como as empresas usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões / ChumWeiChoo; tradução Eliana Rocha. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003. Disponível em: https://lucianabicalho.files.wordpress.com/2013/09/choo-chun-wei-a-organizac3a7c3a3o-do-conhecimento.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

CONSELL INTERNACIONAL DES MUSÉES – ICOM FRANCE. *Qu'est-cequ'être, aujourd'hui, um professionnel de musée en Europe?*.2018. Disponível em: https://www.icom-musees.fr/sites/default/files/2019-02/Qu%27est-ce%20qu%27e%CC%82tre%20aujourd%27hui.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

DIB, S. F.; SILVA, N. C. da Competências em unidades de informação: metodologia para o desenvolvimento de equipes. *Perspectiva em Ciência da Informação*, v. 14, n. 2, p. 17-29, maio/ago. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br /pdf/pci/ v14 n2/v14n2a03.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

DUARTE, E. J.; CALDIN, C. F. ESTÉTICA: uma dimensão da competência em informação a ser percebida por bibliotecário de biblioteca pública. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v.26, n.2, p. 7-23, maio/ago. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/29265/16193. Acesso em: 07 fev. 2025.

FILIPE, G. Breves Reflexões sobre o Ensino e a Formação em Museologia, o Papel da Museologia no Trabalho de Museu e os Novos Profissionais de Museu. *Boletim ICOM Portugal*, n. 12, junho, 2018. Disponível em: https://icom-portugal.org/wp-content/uploads/2018/07/Boletim_ICOM_Portugal_12_Jun_2018_s.pdf. Acesso em:28 de mar. 2021.

FONSECA, T. F. *A nova era na gestão de pessoas* / Daniel Goleman…[et al.]; tradução de Thereza Ferreira Fonseca. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

GARCIA, B. What We Do BestMaking the Case for the Museum Learning in its Own Right. Journal of Museum Education*,* v. 37, n. 2, Summer, p. 47-56. 2012. Disponível em:

https://www.tandfonline.com /doi/abs/10.1080/10598650.2012.11510730. Acesso em: 01 abr. 2020.

GAZZOLA, S. B. *et al*. Aplicabilidade da Competência em informação nas análises de indicadores institucionais como subsídios para a tomada de decisão: uma análise da equipe gestora da Etec Antônio Devisate. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 16, p.1-26. 2020. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1376/1214.

GOMES, H. F. Mediação da informação como contributo da Ciência da informação ao desenvolvimento do protagonismo social. MOREIRA, L. de A.; SOUZA, J. A. de; TANUS, G. F. de S. C. (Org.) *Informação na sociedade contemporânea***.** Florianópolis: Rocha, 2020, p. 195-211. Disponível em: http://eprints.rclis.org/41868/1/Cap.%20Foucault%20e%20Bourdieu.%20Informa %C3%A7%C3%A3o%20na%20Sociedade%20Contempor%C3%A2nea..pdf. Acesso em: 02 nov. 2019.

GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museu de ciência: saberes e práticas. Ensino, Pesquisa, Educação, Ciência -Epub, v. 18, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/epec/v18n1/1983-2117-epec-2016180102.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

HOTTIN, C. Conclusion en forme de synthèse, Cycle soirée-débatdéontologie. *Qu'est-cequ'être aujourd'hui un "professionnel de musées" en Europe?*, Paris*,* ICOM France –INP *et* CFBB, 2018, 50 p. p.46-50.

INCONTRI, D.; BIGHETO, A. C. *Filosofia:* construindo o pensar. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Museusbr. Mapas Culturais*. 2017b. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!t),filterEntity:space), space:(keyword:'')). Acesso em: 16 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Portaria IBRAM* nº 215, de 4 de março de 2021. Disponívelem: https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/portarias/portaria-ibram-no-215-de-4-de-marco-de-2021. Acesso em: 19 fev. 2025.

JENSEN, S. K. What a curator needs to know – the development of professional museum work and the skills required in Danish museums*. Museum Management And Curatorship*, v. 34, n. 5, p. 468-485, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/0 9647775.2019. 1641 832. Acesso em: 01 abr. 2020.

LONGO, R. A importância do conhecimento e do profissional da informação para a estratégia corporativa num contexto de complexidade. In: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). *Gestão da informação e do conhecimento: práticas e reflexões*, v. 1, p. 153-172, 2014.

MARTY, P. F. The changing nature of information work in museums. *Journal of The American Society for information Science and Technology*, v. 58, n.1, p.97-107. 2006b. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/asi.20443 . Acesso em: 01 abr. 2020.

MATA, L. M. de.; GRIGOLETO, M. C.; LOUSADA, M. Dimensões da Competência em informação: reflexões frente aos movimentos de infodemia e desinformação na pandemia da Covid-19. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2, dezembro, 2020. Disponível em: http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5340/5116. Acesso em: 01 nov. 2021.

OLIVEIRA, A. P.; VITORINO, E. V. A dimensão técnica da competência em informação. In: VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, D. M. (Orgs.). *As dimensões da competência em informação:* técnica, estética, ética e política. 2020, p. 71-126. Disponível em: https://issuu.com/edufro/docs/as_dimensoes_da_competencia_em_ informacao. Acesso em: 14 out. 2021.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. A dimensão estética da competência em informação. VITORINO, E. V.; DE LUCCA D.M. de (Orgs.). *As dimensões da competência em informação:* técnica, estética, ética e política. 2020, p.127-147. Disponível em: https://issuu.com/edufro/docs/as_dimensoes_da_competencia_em_ informacao. Acesso em: 14 out. 2021.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. Competência em informação: um olhar para a dimensão estética. *Perspectiva em Ciência da Informação***,** v. 17, n. 4, p. 41-56, out./dez. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Cl%C3%A1udia/Downloads/1614-5533-1-PB.pdf . Acesso em: 18 abr. 2020.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e ensinar*: por uma docência da melhor qualidade / Rios. São Paulo: Cortez, 2010. 158 p.

SCHEP, M.; KINTZ, P. *Guiding is a profession***:** The museum guide in art and history museums. 2017. Disponível em: https://www.lkca.nl/wp-content/uploads/2020/02/guiding-is-a-profession.pdf. Acesso em: 31 mar. 2021.

SILVAGGI, A. et al. The training needs of museums professionals in the digital field in Italy. In: *The future of museum professionals in the digital Era***:** The success story of Mu.Sa. 2020, p. 7-12. Disponível em: http://www.project-musa.eu/wp-content/uploads/2021/03 /Mu.SA-e-book.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

SOUZA, A. C de.; BAHIA, E. M. dos.; VITORINO, E. V. Dimensões da Competência em informação sob a perspectiva de Zarifian. *Perspectivas em Ciência da Informação***,** v. 25, número 2, p. 56-76, jun/2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/24118/19421. Acesso em: 04 set. 2021.

SOUZA, A., C. P. DE & ALCARÁ, A. R. Dimensões da Competência em Informação em Relatos de Experiência de Práticas Educativas. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, 17, e023060. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.36311/1981-1640.2023.v17.e023060. Acesso em: 20 fev. 2025.

SPUDEIT, D.; FREITAS, A.; SOUZA, C.; ROMEIRO, N. Criação, implantação e avaliação de um programa de competência em informação em alunos do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, n. esp. CBBD 2017. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1001/852. Acesso em: 19 fev. 2025.

VALE, M. A.; VITORINO, E. V. Fontes de informação online para comunidade lgbt+. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 15, p. 50-71, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127552. Acesso em: 14 out. 2021.

VISSER, J. The Museum of the future. *A Job Description for Future Museum Professionals*. 2013. Disponível em: https://themuseumofthefuture.com/2013/01/21/a-job-description-for-future-museum-professionals/. Acesso em: 25 jan. 2020.

VITORINO, E. V. *Competência em informação e Bibliotecário (A)*: Desafios à ação. Palestra. V Semana do Bibliotecário na Escola de Ciência da informação. 2021. Webinar.

VITORINO, E. V.; DE LUCCA D. M. (Orgs.). *As dimensões da competência em informação:* técnica, estética, ética e política. 2020, 457 p. Disponível em: https://issuu.com/edufro/docs/as_dimensoes_da_competencia_em_informacao. Acesso em: 14 out. 2021.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D*. Competência em informação***:** conceito, contexto histórico e olhares para a ciência da informação. Florianópolis: UFSC, 2019, 205 p.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da Competência em informação. *Ciência da Informação*, v. 40, n. 1, 2011, p. 99-110, jan./abr. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/ view/1328/1507 . Acesso em: 01 abr. 2020.

WOIDA, L. M. Busca, acesso, compartilhamento e uso de informação em micro e pequenas empresas do Brasil. *IBERSID - EncuentrosInternacionales sobre Sistemas de Información y Documentación*, v. 13, n. 1, p. 51-56, 2019. Disponível em: https://ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/4556/4229. Acesso em: 31 dez. 2021.

ZARIFIAN, P. *Objetivo competência***:** por uma nova lógica. São Paulo: Atlas, 2008.

Data de recebimento: 26.02.2025

Data de aceite: 25.04.2025